

LACOSTE, Y. **A Geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra.** Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1977.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenología de la percepción.** México: Fondo de Cultura Económica, 1972.

MORAES, A. C. R. **Geografia: pequena história crítica.** São Paulo: Hucitec, 1987.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova.** São Paulo: Hucitec - Edusp, 1979.

SIMANEK, D. **O método científico.** Sociedade Terra Redonda, Scientia: 2002. Disponível em: <<http://www.str.com.br/Scientia/metodo.htm>>. Acesso em 13/06/2004.

SPOSITO, E. S. et al. **Dissertação, tese e metodologia.** Presidente Prudente, UNESP, 1998. (mimeografado)

SPOSITO, E. S. A questão do método e a crítica do pensamento geográfico. In.: CASTRO, I. E. de; MIRANDA, M.; EGLER, C. A. G. (Orgs.). **Redescobrimo o Brasil: 500 anos depois.** 2 ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; FAPERJ, 2000.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO/Fundação Getúlio Vargas – Instituto de documentação. **Dicionário de ciências sociais.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 1986.

Recebido para publicação em 20 de dezembro de 2.005.

Aceito para publicação em 10 de março de 2.006.

EU, OS OUTROS E O LUGAR: CONTRIBUIÇÃO DA TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA GEOGRAFIA

Elaine Regina BRANCO*
Raul Borges GUIMARÃES**

Resumo: O presente artigo vem a ser uma pequena contribuição para a compreensão da teoria das representações sociais como instrumento a ser utilizado nas investigações em Geografia. Para isto enfatizamos a escala de análise do espaço do cotidiano enquanto lugar de interação e construção das representações sociais.

Palavras-chave: espaço-banal; cotidiano; representações sociais; idéias; materialidade.

Resumen: El actual artículo viene ser una contribución pequeña para comprensión de la teoría de las representaciones sociales como instrumento que se utilizará en las investigaciones en la Geografía. Para esto acentuamos la escala del análisis del espacio del diario uno mientras que lugar de la interacción y construcción de las representaciones sociales.

Palabras-clave: espacio-banal; diario; representaciones sociales; ideas; materialidad.

1. Representações sociais: entre o mundo material e o mundo das idéias

A teoria das representações sociais teve sua origem na psicologia social e vem ganhando lentamente espaço nas ciências humanas de modo geral, e dentre elas, a Geografia. Essa teoria traz à ciência Geográfica um novo instrumento que vem auxiliar na

* Mestranda no Curso de Pós-Graduação em Geografia /FCT/UNESP/Presidente Prudente. E-mail: elaineregina@yahoo.com.br

** Professor Doutor do Curso de Pós-Graduação em Geografia /FCT/UNESP/Presidente Prudente. E-mail: raulguimaraes@uol.com.br

compreensão do espaço e da sociedade principalmente no que diz respeito aos aspectos subjetivos. Esses muitas vezes foram descartados por esta ciência por serem considerados “pouco palpáveis”, ou seja, por não terem materialidade. A subjetividade de que estamos tratando aqui está ligada ao campo das idéias como o pensamento e a imaginação dos diversos sujeitos sociais. Não buscamos aqui retomar o idealismo hegeliano, mas sim compreender a interação entre pensamento e mundo material ou, em outras palavras, a participação do pensamento e da imaginação na materialização dos fenômenos, ou o contrário, a materialização de um fenômeno no tempo e no espaço construindo pensamentos e idéias.

Entendemos hoje que as ciências humanas, assim como a Geografia, encontram-se em busca de parâmetros diferenciados para tratar do ser humano, sua relação com a sociedade e com o mundo. Foi se o tempo em que essas ciências tiveram de utilizar os métodos e as teorias das ciências naturais para se inserirem no meio científico.

Os estudos que pautam a teoria das representações sociais são um exemplo notável nessa busca dos novos parâmetros. Trata-se dos sentidos e significados que os sujeitos sociais atribuem aos seus espaços cotidianos, experiências vividas, opiniões, projetos para o presente ou futuro. Tudo o que está próximo a esses sujeitos de que desejam falar, reproduzir, produzir ou interferir, podem ser analisados e compreendido utilizando os instrumentos da teoria das representações sociais.

2. Espaço e representações sociais

Podemos nos utilizar desse acervo de instrumentos que a teoria das representações sociais nos fornece na Geografia, uma vez que, as representações sociais são geradas do contato entre os sujeitos e o contato desses com o lugar em que vivem. Para isso devemos considerar a escala de análise do espaço do cotidiano, ou seja, do **espaço banal** a que se refere Santos (2004). Ele ressalta a importância de se compreender o conteúdo geográfico do cotidiano, desse espaço banal, entendendo que a partir do conhecimento desse espaço:

[...] poderemos contribuir para o necessário entendimento (...) dessa relação entre espaço e movimentos sociais, enxergando na materialidade, esse componente imprescindível do espaço geográfico, que é ao mesmo tempo, uma condição para ação; uma estrutura de controle, um limite à ação; um convite à ação. (SANTOS, 2004, p. 321)

O espaço banal é um lugar comum aos atores de um determinado grupo. Na interação sujeito-lugar e sujeito-sujeitos se constroem as representações sociais. Na interação com o outro e com o lugar que um determinado sujeito encontra a si mesmo, ou seja, o sujeito só passa a existir perante a presença do outro. Tanto o outro, quanto o espaço, interfere no pensamento e na ação do sujeito. Jovchelovitch (1995) nos ajuda no esclarecimento da interação com o outro quando se refere ao espaço da esfera pública:

A esfera pública (...) como o espaço que encontra sua forma de expressão diálogo e na ação comunicativa, traz para o centro de nossa análise a dialética entre Um e o Outro, e sublinha a importância das relações entre sujeito-outros sujeitos-sociedade para dar conta dos possíveis significados tanto da vida individual como da vida pública. Porque, quem sou Eu se não o Eu que outros apresentam a mim? (JOVICHELOVITCH, 1995, p.70)

3. Representações sociais e seus componentes

As vozes dos sujeitos exteriores ao meio acadêmico, ou seja, do “senso comum” foi durante muito tempo descartada nos estudos científicos por se tratar de visões pré-concebidas ou infundadas do ponto de vista acadêmico. Chauí (2002) define o senso comum como saberes cotidianos subjetivos, qualitativos, heterogêneos, individualizadores e generalizadores, e que muitas vezes estabelece uma relação de causa efeito entre as coisas e fatos julgados semelhantes.

Nas palavras do senso comum podemos identificar os conhecimentos coletivos sobre um afazer, como por exemplo, uma

forma de pescar das comunidades litorâneas. Nesse caso, trata-se de um conhecimento popular sobre uma tarefa prática do cotidiano de um determinado grupo. Esse conhecimento geralmente é passado de pai para filho, de geração para geração, muito estudado hoje pela antropologia e sociologia. Martins (2000) qualifica o senso comum que se dá na interação social cotidiana:

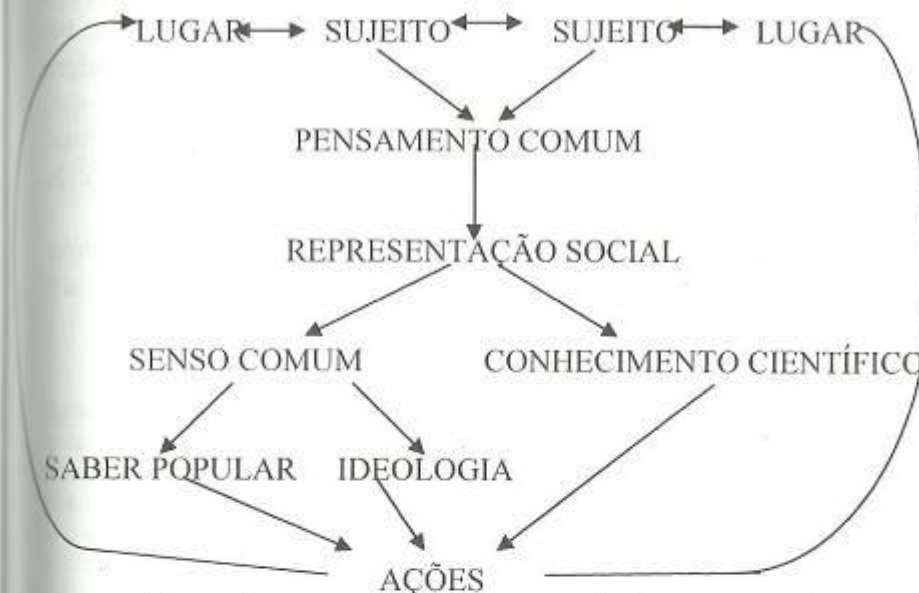
O senso comum é comum não porque seja banal ou mero exterior conhecimento. Mas porque é conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação social. Nela o significado a precede, pois é condição de seu estabelecimento e ocorrência. Sem significado compartilhado não há interação. Além disso, não há possibilidade de que os participantes da interação se imponham significados, já que o significado é reciprocamente experimentado pelos sujeitos. (MARTINS, 2000)

No espaço banal podemos encontrar as representações subjetivas e qualitativas do senso comum necessárias para o conhecimento do espaço do vivido. Chauí (1995) caracteriza as representações subjetivas e qualitativas do senso comum escritas respectivamente:

[...] exprimem sentimentos e opiniões individuais e de grupos, variando de uma pessoa para outra, ou de um grupo para outro, dependendo das condições em que vivemos.

[...] as coisas são julgadas por nós como grandes ou pequenas, doces ou azedas, pesadas ou leves, belas ou feias, quentes ou frias, úteis ou inúteis, desejáveis ou indesejáveis, coloridas ou sem cor, com sabor, odor, próximas ou distantes, etc. (CHAUÍ, 1995, p. 199-248)

Então qual seria a relação entre as representações sociais e o senso comum? Nas representações sociais que são manifestadas no espaço banal podemos encontrar o senso comum, ou seja, as representações sociais contêm o senso comum. Existe um movimento que podemos esquematizá-lo dessa forma:



Dessa forma compreendemos a relação entre mundo material e idéia, ou seja, entre pensamento e os componentes do espaço. Partindo do pressuposto que uma idéia quando conquista representatividade social pode desencadear numa determinada ação, gesto ou prática que têm repercussões materiais ou psicológicas positivas ou negativas para um sujeito ou grupo social, entendemos então que é no espaço geográfico que se materializam as formas e os conflitos dessa idéia.

Um exemplo de uma repercussão negativa: um determinado grupo social tem uma visão pré-concebida com relação aos negros ou com relação o atual quadro político brasileiro. A visão limitada ou distorcida desse grupo social poderá implicar em práticas discriminatórias ou de violência, como a segregação sócio-espacial ou apartheid. Esse tipo de representação pode resultar na materialização de uma prática social num determinado lugar e devem ser contextualizadas, não para justificá-las, mas sim para compreendê-las e construir uma idéia ou forma para superá-las.

Um outro exemplo que colocamos aqui trata-se da materialização no espaço de uma forma que pode gerar uma

determinada representação social, como um monumento, uma obra pública ou obra de arte. Uma obra pública mal construída ou superfaturada pode construir uma representação social que poderá refletir na mobilização da sociedade civil. Uma obra de arte em que um determinado grupo social se reconhece nela pode gerar uma representação social que reflita na associação, numa identidade comum aos sujeitos do grupo.

Quando tratamos de uma obra pública, nesse caso estamos nos referindo ao espaço público. A esse respeito Jovchelovich nos mostra a construção das representações no espaço público:

As representações sociais estão necessariamente radicadas no espaço público e nos processos através dos quais o ser humano desenvolve uma identidade, cria símbolos e se abre para a diversidade de um mundo de Outros. (...) Meu argumento central é de que a esfera pública, enquanto lugar da alteridade, fornece as representações sociais o terreno sobre o qual elas podem ser cultivadas e se estabelecer. (JOVCHELOVITCH, 1995, p. 65)

Entender as representações sociais está longe de prever ou determinar fatos ou acontecimentos. O entendimento delas implica na análise de um determinado fenômeno e do movimento dialético entre o plano ideal e plano material que se dá em torno desse fenômeno.

As representações sociais podem ser utilizadas pelas ciências humanas para apontar uma ausência, uma necessidade, um conhecimento popular ou ideologia. É nesse sentido que a teoria das representações vem contribuindo na ampliação do horizonte dessas ciências, como aponta Sá (1998):

A pesquisa das representações sociais deve produzir um outro tipo de conhecimento sobre esses fenômenos de saber social. Para fazê-lo, precisamos antes transformá-los em objetos manejáveis pela prática da pesquisa científica. (SÁ, 1998, p. 22)

4. Análise e superação das representações sociais

Para transformar os fenômenos em objetos manejáveis pela prática pesquisa científica, ou seja, passíveis de análise, temos de identificar os elementos que compõem as representações sociais. Sá (1998) apresenta alguns desses elementos:

Pesquisam-se as relações que a emergência e a difusão das representações sociais guardam com fatores tais como: valores, modelos e invariantes culturais; comunicação interindividual, institucional e de massa; contexto ideológico e histórico; inserção social dos sujeitos, em termos de sua posição e filiação grupal; dinâmica das instituições e dos grupos pertinentes. (SÁ, 1998, p. 32)

Nas representações sociais as vozes dos oprimidos, por exemplo, podem ganhar valor e reconhecimento enquanto instrumentos para a superação da sociedade. Kozel (2002) nos fala que muitas vezes as representações podem até mesmo coexistir com os saberes científicos.

A distinção será um elemento metodológico para compreendermos e analisarmos as representações. Jovchelovitch (1995) propõe a perspectiva Piagetiana para a análise das representações:

[...] Assim, a análise das representações sociais deve concentrar-se naqueles processos de comunicação e vida que não somente as engendram, mas que também lhe conferem uma estrutura peculiar. Esses processos eu acredito, são processos de mediação social. Comunicação é mediação social. Comunicação é mediação entre um mundo de perspectivas diferentes; trabalho é mediação entre necessidades humanas e o material bruto da natureza; ritos, mitos e símbolos são mediações entre a alteridade de um mundo freqüentemente misterioso e o mundo da intersubjetiva humana. (JOVCHELOVITCH, 1995, p. 81)

A teoria das representações sociais nos mostra que a compreensão do mundo se dá através dos elementos simbólicos, dos signos que acabam muitas vezes por invadir as mentalidades despercebidamente. É na interação social, na prática da vida cotidiana que ocorrem as trocas, a construção do pensamento dos sujeitos onde tais símbolos transitam. O mundo material concreto por si só não nos deu respostas às questões que foram surgindo ao longo dos anos. Já vimos que nas representações sociais, a interação entre pensamento, indivíduo, sociedade, mundo organizam todo processo social. O mundo não só apresenta a materialidade das relações sociais desiguais, como também apresenta discursos e imagens que repercutem nas trocas dos diversos atores que acabam muitas vezes por reproduzir e aceitar a sociedade vigente.

Para Lefèbvre (1980) as representações são construídas tornando-se presente e o que está ausente, ou seja, a partir da relação entre mundo material e mundo simbólico, o que ele chama de ausente presentificado por elementos simbólicos, como a linguagem. Guimarães (2002) tem como referência Bakhtin (1995) para a compreensão da comunicação social enquanto produtora de signos:

O receptor de uma mensagem não é um ser mudo, privado da palavra. Ao contrário, ele interage com o discurso apreendido de outrem e, no processo de interação verbal, participa da produção e do estabelecimento de signos. Tais signos passam a estar presentes nas diferentes formas de enunciação, mesmo as não verbais (a linguagem gestual, por exemplo) e encontram-se impregnados da ordem hierárquica e da tensão política resultantes das relações sociais. (BAKHTIN, 1995, in GUIMARÃES, 2002)

Podemos dizer então, que as representações sociais podem ou não reproduzir a ideologia dominante, podem ou não conter valores culturais tradicionais de um determinado grupo social. A contribuição de Lefèbvre (1980) nos permite identificar os elementos que compõem as representações:

La representación entra violentamente en la filosofía, superponiendo una triada (lo representado, el representante, la representación) e las diadas "significante y significado", sujeto e objeto. (LEFÈBVRE, 1980, p. 32)

A identificação desses elementos nas representações sociais é necessária para que possamos analisá-las. Desta forma, Lefèbvre (1980) nos lembra que o modo de produção capitalista e a sociedade burguesa se constroem praticamente com base no representado. Então no momento da análise do representado é importante percebermos as ideologias contidas no representado e apontarmos o caminho para superá-las. Neste caso buscamos a dialética das representações em que podemos identificar no representado, elementos ideológicos que atuam sobre o representante e que reproduz uma representação, quanto elementos essenciais que podem e devem contribuir no processo de emancipação da sociedade, já que o representante, neste caso, se esforça para ser um sujeito diante do mundo. Vale a pena ressaltar que a ideologia é apenas um elemento que pode estar contido nas representações.

O passado se esclarece via linguagem e gestos, trazendo o ausente ao presente. Sá (1998) situa a linguagem, assim como a cultura, a comunicação e a sociedade enquanto condições de produção e circulação das representações sociais. Já o futuro é projetado pelo pensamento, pela imaginação, tendo o passado como referência na construção do vir a ser. Dessa forma, Kozel (2002), atribui à geografia das representações o papel da emancipação da gênese do conhecimento, uma vez que podemos entender o agir e pensar no espaço social e temporal:

Caberia, sobretudo à geografia das representações, entender os processos que submetem o comportamento humano, tendo como premissa que este é adquirido por meio de experiências (temporal, espacial e social), existindo uma relação direta e indireta entre essas representações e as ações humanas, ou seja, entre as representações e o imaginário, revolucionando a gênese do conhecimento, permitindo-nos compreender a

diversidade inerente às práticas sociais, às mentalidades, aos vividos. (KOZEL, 2002, p. 215)

No estudo de representações sociais, passamos a colocar o sujeito como ator da sua história e espacialidade, tendo em vista a capacidade criativa e transformadora de atores sociais na produção de uma nova consciência.

Lefèbvre (1980) nos lembra que as representações devem ser transgredidas e superadas pelo pensar, uma vez que a análise das representações não parte da linguagem:

Vivir es representar (se), pero también transgredir las representaciones. Hablar es designar el objeto ausente, pasar de la distancia a la ausencia colmada por la representación. Pensar es representar pero superar las representaciones. El concepto de representación implica-explica el lenguaje. Ni el soporte (contenido Y práctica) ni la relación (formal) bastan para comprender las representaciones, sin la palabra y lo escrito. Sin embargo, el análisis de las representaciones no parte del lenguaje. No considera el lenguaje ni como relación-soporte, ni como fragmentador, ni como totalizador. Además, es bien conocido que las tesis acerca del lenguaje y el discurso, acerca de la palabra y lo escrito, se rompen en contradicciones: en lenguaje fragmentador y el lenguaje totalizador – la exaltación del lenguaje y su asesinato – todo discurso como discurso de poder y todo discurso como subversión, etcétera. Las palabras, los signos, representan la presencia en la ausencia. El lenguaje “es” una presencia-ausencia, presencia evocada, ausencia llenada. La representación supone los aspectos distintos y polarizados del lenguaje: denotación-connotación, significación de los elementos articulados y sentido (LEFÈBVRE, 1980, p. 99)

5. Considerações finais

Podemos concluir que a teoria das representações sociais é um instrumento passível de ser utilizado pela Geografia quando

tomamos a escala de análise do espaço banal, do cotidiano, onde as representações são identificadas na relação entre os sujeitos e com o espaço em que vivem. Elas podem conter valores, modelos e invariantes culturais; comunicação interindividual, institucional e de massa; contexto ideológico e histórico; inserção social dos sujeitos, em termos de sua posição e filiação grupal; dinâmica das instituições e dos grupos pertinentes. Identificados os elementos que compõem as representações, a análise servirá de um meio para a elaboração, formulação e construção de contribuições para sustentá-las, fortificando-as ou então superá-las.

6. Referências Bibliográficas

BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. Presses Universitaires de France, 1960. Edição brasileira: 1988 – ed. Martins Fontes Ltda. Trad. Antonio de Pádua Denesi.

CHAUÍ, M. de S. **Senso Comum**. In: _____. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 1995. 440 p.

FERREIRA, L. F. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista território**, Rio de Janeiro, ano V, n. 9, p. 65-81, LAJET, UFRJ, Garamond, jul. / dez. 2000.

GUIMARÃES, R. B. Atores políticos, representações sociais e produção da escala geográfica. In: MELO, J. G. (org.). **Espiral do espaço**. Presidente Prudente: [s.n.], 2003.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. 63-85.

KOZEL, S. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, F. e KOZEL, S. **Elementos da epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba. Editora da UFPR, 2002.

LEFÈBVRE, H. **La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones**. México: Fondo de cultura económica, 1980. 277p.

MARTINS, J. S. *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. São Paulo: Ed. Hucitec, 2000.

SÁ, C. P. *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.

SANTOS, M. *A natureza do espaço. Razão, técnica e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SILVA, A. C. *De quem é o pedaço? Espaço e Cultura*. São Paulo: Ed. Hucitec, 1986 - 162p.

Recebido para publicação em 20 de dezembro de 2005.

Aceito para publicação em 10 de março de 2006.

OS ELEMENTOS IMPLICADORES DO DESENVOLVIMENTO LOCAL*

Erika Lopes HENARES**

Resumo: Neste texto, procura-se abordar o desenvolvimento local, enquanto perspectiva para a resolução de uma série de problemas que dificultam as formulações e implementações de políticas. Para tanto, considera-se que o local não tem apenas conotação física, mas representa um conjunto de relações econômicas, sociais e culturais que lhe conferem características individuais. Desta forma, enfatiza-se as principais forças motoras que o valorizam e o fortalecem, enquanto foco das estratégias e ações de desenvolvimento, tais como: o processo de globalização; a descentralização da administração pública; as novas formas de gestão dos recursos naturais e a organização dos atores sociais. Por fim, como propostas de superação apresentam-se os elementos que devem se integrar num processo de desenvolvimento.

Palavras-chave: desenvolvimento local; globalização; descentralização; gestão dos recursos naturais; organização dos atores sociais.

Resumen: En este texto, se intento acercarse el desarrollo local como perspectiva para la solución de una serie de problemas que dificultan las formulación e implementación de políticas. Para eso, se considera que lo local no tiene apenas una connotación física, sino que representa un conjunto de relaciones económicas, sociales y culturales, que le confieren características específicas. Así, son enfatizadas las principales fuerzas motoras que lo valoran y lo fortalecen, como foco de estrategias y acciones de desarrollo, tales

* Trabalho apresentado à disciplina "Estrutura Produtiva Agrícola e Dinâmica Regional", ministrada pelo Professor Dr. Antonio Nivaldo Hespanhol, no programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP de Presidente Prudente-SP.

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP, Campus de Presidente Prudente-SP e membro do Gadis (Grupo de Gestão Ambiental e Dinâmica Sócio-Espacial). E-mail: henares75@hotmail.com